

Visita a Geraldo Patto em Taubaté, agosto de 2012

Carlos Keller
carlosgkeller@terra.com.br

Resumo: Geraldo Patto foi um dos grandes nomes da Orquidofilia brasileira. Sabendo disto, o autor foi até Taubaté, SP, e conta o que viu durante a recente visita feita ao seu orquidário. Grande cultivador de espécies e híbridos, principalmente de *Cattleya* e gêneros relacionados, Patto mostrou detalhes da infra-estrutura que construiu, suas bonitas orquídeas e como as cultivava. Orquidófilo de muitos amigos, Patto contou também como adquiriu a famosa *Laelia purpurata* 'Minha Gilda'. Poucas semanas após essa visita, Geraldo Patto veio a falecer. Esse artigo é uma homenagem a ele e um resgate de parte da obra deste grande homem.

Palavras-chave: Geraldo Patto, Taubaté, técnicas de cultivo, obituário.

Abstract: *Visit to Geraldo Patto, in Taubate, in August 2012.* Geraldo Patto was one of the great names among Brazilian orchid growers. Aware of this, the author went to Taubaté, SP, and tells us what he saw during a recent visit to his orchid nursery. Growing species and hybrids, mainly of *Cattleya* and related genera, Patto showed details of the infrastructure that he built, his beautiful orchids and how he cultivated them. An orchid lover of many friends, Patto also told the story of how he got the famous *Laelia purpurata* 'Minha Gilda'. A few weeks after this visit, Geraldo Patto died. This article is a tribute to him and a way of rescuing part of the work of this great man.

Key words: Geraldo Patto, Taubate, orchid growing techniques, obituary.

Taubaté é um grande pólo industrial estrategicamente posicionado entre São Paulo e Rio de Janeiro. Todos por lá me disseram que a cidade é quente. Uma panela abafada cercada por montanhas, a Serra da Mantiqueira à oeste e a Serra do Mar à leste. Eu, no entanto, tive outra impressão. Para mim o clima da cidade é ameno, pelo menos nos dias em que lá estive, nunca se comparando à fomalha que é o Rio de Janeiro. No verão dizem que a temperatura pode chegar a 35°C, mas isso é incomum. A 580 metros acima do nível do mar, a cidade é clara, solar e o uso de uma camiseta foi o bastante quando eu estava ao sol, mas à sombra, uma camisa por cima da camiseta se fez necessária, o que não explica a preocupação dos orquidófilos locais em resfriar ao máximo os seus orquidários. De noite esfriou muito. Um vento persistente descia da Mantiqueira e não se podia sair do hotel para caminhar sem um casaco. O ar é úmido e as velhas e enormes árvores que sombreiam as ruas estão cobertas de epífitas, musgos e líquens por conta dessa umidade. Havia também muitos pinheiros. Esse é a meu ver um clima ideal para as orquídeas. 500 metros de altitude, relativamente quente de dia, muita luz, alta umidade ambiente, bom arejamento e uma razoável amplitude térmica entre o dia e a noite. Não medi a temperatura, mas posso dizer que de dia ela estava em torno dos 25 a 27 graus e de noite ela ficava entre 16 ou 17 graus (centígrados). Os jardins das casas possuíam quase todos orquídeas amarradas nas árvores, geralmente plantas grandes e sadias. Eram na maioria híbridos de *Dendrobium nobile* e algumas *cattleyas*.



Fig. 1- Grande touceira de *Cattleya walkeriana* em um jardim de Taubaté. (Fotos: todas de C. Keller).

híbridas, daquelas compradas em porta de supermercado. Também vi alguns *Oncidium*, tanto o Aloha, quanto alguns nativos da região. No chão e também nas árvores, vi muitos *Cymbidium* e não me lembro de ter visto *Phalaenopsis*, o que comprova que a cidade tende mais ao clima frio do que quente. No caminho para o Geraldo, logo a alguns quarteirões saindo da



Fig. 2- Vista parcial da chácara onde está o orquidário.

Dutra, vi no jardim de uma casa vazia que estava à venda um belo *Dendrobium fimbriatum* e em frente a ele uma touceira de *Cattleya walkeriana*, ambos floridos. Espero que quem comprar a casa as mantenha no local. É um exemplar comum, provavelmente nativo, mas numa touceira, a floração sempre fica linda (fig.1)

O orquidário do Geraldo me surpreendeu



Fig. 3 - Estufa mais antiga, com híbridos e matrizes.



Fig. 4 - *Laeliocattleya* Atomic De Mivac.

híbrido florir, então mostro abaixo outro similar e que eu gosto muito: *Lc. Gold Digger* 'Orglades Mandarin' CCM/AOS (fig.5).

As estufas comerciais estavam totalmente impecáveis, o que é de surpreender, pois o Geraldo passou por sérias e graves cirurgias recentemente e está em processo de recuperação. Não sei de onde ele tira forças nesse momento para manter tudo tão limpo e arrumado. Modestamente ele me disse que arranjou um bom gerente, mas vê-se que ele está presente em todas as etapas do processo, desde os seedlings até a planta adulta.

Por falar em seedling, mostro algumas fotos deles, os quais vi no início do

pelo tamanho. É muito maior do que eu imaginava. Várias estufas, a maioria com mais de 600m² estão instaladas em uma chácara que é um enclave dentro da cidade. Um anacronismo. Uma rua sem saída, no final um grande portão automático e você entra numa bela residência com um lindo jardim e muitas árvores (fig. 2).

Próximo da casa e provavelmente onde tudo começou, duas estufas antigas ainda existem, uma com matrizes de híbridos e outra com vandas variadas. Aspersores de neblina molham as vandas de

tempos em tempos, deixando o ambiente bastante úmido. O chão é de cimento.

Na estufa dos híbridos, grandes touceiras estão penduradas em vasos e em cachepots, algumas delas com as raízes já saindo para fora, mas exibindo uma saúde invejável (fig.3). O telhado é de telha plástica, com um grande vão de saída de ar na cumeeira. Lá pude ver, por exemplo, um cruzamento de *Lc. Trick or Treat* com *Cattleya aurantiaca* (= *Lc. Atomic De Mivac*) que ostentava um lindo cacho cor de laranja (fig. 4). Era época desse tipo de



Fig. 5 - *Lc. Gold Digger* 'Orglades Mandarin' CCM/AOS.



Fig. 6 - "Seedlings" recém tirados do frasco para o vaso coletivo, plantados em esfagno (musgo).

técnicas, pode ser vista uma delas, grande, coberta por inteiro com uma espécie de "tenda" de sombrite 50%. Essa camada externa de sombrite impede que os raios solares batam diretamente no plástico da estufa, evitando assim que ele se aqueça. A insulação é ótima e o ambiente interno da estufa é fresquinho e úmido, me remetendo àquela sensação de quando estamos andando dentro da mata e chegamos perto de uma cachoeira. Essa é a estufa dos seedlings individuais e de alguns seedlings maiorzinhos de *Phalaenopsis*.

Nas estufas seguintes estão as orquídeas maiores, que seguirão para o comércio e também onde estão algumas matrizes da coleção, inclusive as *Laelia purpurata*. O plástico usado nesse sistema, segundo o Geraldo, deve ser o transparente e não o leitoso, pois o leitoso deixa a estufa muito escura. Mesmo que dentro da estufa se tenha algum tipo de tela para aumentar a sombra, existem ocasiões em que uma luz forte é necessária. As laterais da estufa também são cobertas por fora com sombrite 50%. Estrutura impressionante...



Fig. 8 - Exterior das estufas onde estão as plantas para comércio.

orquidário dos híbridos da coleção. Como vocês podem ver, o substrato é musgo e no caso das bandejas, cada seedling é enrolado individualmente em tiras desse musgo e inserido na célula com um pouco de pressão (fig. 6-7).

As estufas:

O terreno onde se localiza a chácara possui um leve declive, formando patamares, onde foram erguidas as estufas. Logo no início do caminho de acesso às estufas



Fig. 7 - "Seedlings" em bandeja, também só com esfagno como substrato.

Algumas das estufas não possuem essa cobertura externa na lateral, mas como proteção elas têm cortinas de tela que sobem e descem através de carretilhas e são fechadas todo início de noite e abertas logo pela manhã. O objetivo não é tanto para manter o calor interno durante a noite, mas sim para proteger as estufas dos ventos fortes, os quais podem entrar pela lateral desprotegida e arrancar partes do teto, como



Fig. 9 - Interior da estufa de plantas que serão comercializadas. Bancadas deve ser de 60 cm (fig. 9).

Algumas estufas possuem bancadas sustentadas por estacas de cimento, cobertas por ripas de madeira. São as estufas maiores e devem ser as mais antigas. Nessas, as bancadas são um pouco mais altas e devem ter cerca de 80 cm, pois batem na altura da cintura (fig. 10).

Nas estufas o ambiente é totalmente controlado, com exaustores e ventiladores para manter o bom arejamento e ao fundo, uma espécie de radiador por onde escorre água através de umas células de material esponjoso, arrefece a temperatura do ar que por ele passa. Se vocês olharem com cuidado poderão ver uma espécie de faixa marrom cor de café. Esse é o tal "radiador" a que me refiro. Grandes exaustores expulsam o ar para fora da estufa no lado oposto a esses radiadores e o ar que por eles entra esfria o ambiente. Eu já havia visto esse sistema em outros orquidários comerciais, mas essa foi a primeira vez que o vi em pleno funcionamento, pronto para ser ligado no verão. Nessas



Fig. 10 - Interior da estufa com outro tipo de bancada.



Fig. 11 - Para proteger da alta insolação, o melhor recurso é usar camadas de sombrite e aluminete.

já aconteceu no passado por lá. A qualquer sinal de ventania elas são imediatamente baixadas. Com a cortina fechada, o vento passa por cima e por fora da estufa, não causando a elas maiores danos (fig. 8).

O interior das estufas está impecável. Não se vê no chão nenhum matinho ou folha caída, uma higiene quase cirúrgica própria do dono, que é médico hematologista. As bancadas são feitas de tela quadrada daquela ondulada, onde os fios se encaixam entre si pelas próprias ondulações. A altura dessas

estufas mais antigas, as que possuem as bancadas mais altas, bromélias são cultivadas debaixo das bancadas da frente, provavelmente para manter alta a umidade ambiente através da água acumulada no seu interior ou copo.

A luz dentro da estufa é controlada através de vários tipos de tela, as quais podem ser fechadas ou abertas de acordo com a época do ano. O plástico transparente perde a transparência com o tempo, mas é sempre mais claro que o leitoso. A tela da "tenda" externa de

sombrite 50% existente em algumas das estufas, dá uma boa quebrada na luz, mas por dentro de todas elas, cortinas horizontais de aluminette estão presentes. O aluminette é um material bem interessante, desenvolvido em Israel e consiste em uma espécie de malha feita de finas tiras de plástico aluminizado brilhante, o qual reflete os raios solares, deixando mais fresco além de mais escuro o ambiente abaixo dele. Para os seedlings é colocada abaixo do aluminette uma segunda tela, de cor azul, para manter o ambiente ainda mais sombreado. Acho que ali estavam seedlings grandes de *Phalaenopsis* (fig. 11).

Em algumas estufas essa tela de aluminette é colocada e retirada manualmente com o uso de escadas de acordo com a época do ano, o que deve dar um trabalhão danado, mas em outras, uma máquina elétrica faz o serviço girando eixos que enrolam a tela (fig. 12). Um



Fig. 13 - Caixa d'água no interior da estufa. À direita da foto se vê uma manivela, outro método usado para recolher a tela de aluminette.

terceiro sistema consiste em manivelas longas do tipo feitas para toldos, que recolhem as telas. Toda essa parafernália está por lá funcionando perfeitamente, o que a meu ver é incrível, dada a dificuldade de manutenção de tudo aqui no Brasil.

A rega é feita por aspersores e a água chega até caixas d'água instaladas no centro de algumas estufas, vinda por gravidade de uma grande caixa d'água alta externa, a qual abastece todo o complexo. As caixas d'água internas estão no chão (fig. 13), pois precisam ser acessadas com facilidade, tanto para a limpeza quanto para a

colocação e diluição dos adubos, já que a adubação é feita em todas as regas, com a dose dos adubos fracionada. Com isso obtém-se uma adubação mais homogênea e mais próxima do que acontece na natureza.

Uma bomba elétrica de alta pressão leva a água das caixas até os aspersores. Vi lá mangueiras provavelmente usadas para regas manuais, onde podem existir casos em que os aspersores não atinjam a totalidade da área ou quando seja necessário molhar-se apenas o chão para aumentar a umidade ambiente. O intuito é ir se setorizando as orquídeas do orquidário para que fiquem juntas as plantas que têm a floração na mesma época, de maneira que seja possível também se



Fig. 12 - Motor para enrolar o sombrite quando necessário.

colocação e diluição dos adubos, já que a adubação é feita em todas as regas, com a dose dos adubos fracionada. Com isso obtém-se uma adubação mais homogênea e mais próxima do que acontece na natureza.



Fig. 14 - Estufa com seedlings e *Phalaenopsis*.



Fig. 15 - Todos os seedlings em vasos individuais e etiquetados.

amadores. Nossas estufas são baixas, enquanto que as comerciais devem ter pelo menos 6 metros de altura na parte mais alta. Nossas estufas são geralmente coladas em muros, o que diminui a quantidade de horas de luz solar oferecida. Na maioria dos casos o centro do jardim se destina ao uso da família, mas orquídea gosta do sol passeando o dia todo por cima da cabeça dela, desde o amanhecer até o escurecer. Não costumamos usar ventiladores, exaustores e sistemas de arrefecimento. Enfim, nós amadores fornecemos para as nossas orquídeas ambientes totalmente diferentes e inferiores desse que eu mostrei aqui neste texto. Por conta disso temos pragas, folhas queimadas, lesmas, fungos e outras coisas mais. A única saída que temos para oferecer às plantas que compramos boas condições de cultivo é tendo poucas plantas por metro quadrado. Temos que selecionar sempre o que compramos, pois só tendo poucas plantas é que poderemos personalizar os cuidados com elas e com isso, através de outro caminho que é a personalização, poderemos compensar a deficiência na nossa infra-estrutura.



Fig. 17 - *Cattleya loddigesii* alba.

setorizar o fornecimento e a formulação do adubo, aplicando adubo de floração àquelas que estão para florir nos próximos meses e assim por diante.

É importante que vocês vejam que nessas estufas comerciais o ambiente é perfeito para as orquídeas. Se compararmos esse ambiente com as nossas estufinhas de jardim, poderemos ver que a diferença é enorme. As orquídeas que povoam as estufas comerciais e as nossas, no entanto, são as mesmas. Nós somos



Fig. 16 - *Cattleya loddigesii* tipo "Madri."

As orquídeas:

Antes de chegar nas fotos das orquídeas que por lá vi, quero falar sobre os seedlings que estavam em vasos individuais. Eles ocupavam alguns recantos da maioria das estufas antigas, mas principalmente estavam na primeira estufa de cima, aquela que mostrei logo de início. Essa é uma estufa mais sombreada, a qual divide espaço entre seedlings e *Phalaenopsis* (fig.14).



Fig. 18 - *Cattleya schroderae*.

O substrato usado para os seedlings é uma mistura de casca de coco, casca de pinus e carvão. O adubo que estava nos vasos me pareceu ser algum tipo de bokashi (fig.15). É interessante notar que o adubo orgânico está depositado no centro do vaso e muitas vezes toca as raízes, as quais estão com as pontas verdes e não me pareceram queimadas pelo contato com o adubo. Cada vaso individual tem a sua etiqueta própria para evitar que possa ter a identificação trocada.

Lá, o que é usado como etiqueta para esses vasilhinhos é aquela pazinha plástica usada para se mexer cafezinho. Segundo o Geraldo, o ideal é a pazinha branca, que não é tão facilmente encontrada. A vantagem que eu vi nessa etiqueta é que a parte que se espeta no vaso é bem longa e fina e pode ser bem fixada, sem que no processo ela empurre para baixo o substrato ou danifique as delicadas raízes. A identificação é escrita a lápis, pois o grafite resiste bem à abrasão da água da rega e aos adubos nela contidos.

Quando por lá passei era época de floração da *Cattleya loddigesii* e havia várias floridas para se escolher a bom preço e com ótima forma. Eu gostei principalmente das "tipo", pois tinham uma textura acetinada e cor forte e escura. Comprei uma delas, a qual



Fig. 19 - *Cattleya lueddemanniana* var. *caerulea* 'Emília'.



Fig. 20 - *Cattleya lueddemanniana* var. suave mas que pode ser considerada como a variedade "tipo".



Fig. 21 - *Cattleya warneri* var. amesiana 'Roberto Kautski'.

veio com a identificação AS-099, que significa um cruzamento adquirido de outro produtor, feito com a *Cattleya loddigesii* tipo 'Madri' (fig. 16). Quem costuma dar nomes de cidades da Espanha para as suas *Cattleya loddigesii* é o Álvaro Pessoa, orquidófilo daqui do Rio de Janeiro, com orquidário em Teresópolis.

Havia também algumas *Cattleya loddigesii* alba, agora provenientes de um novo cruzamento, diferente daquele self lá produzido anteriormente (TS-123) e que ficou conhecido da maioria dos orquidófilos há alguns anos atrás (fig. 17).

Também estamos na época da *Cattleya schroderae* e embora essa não seja uma catlêia popular, eu gosto muito dessa espécie. As cores são suaves e a flor é muito sofisticada. Atualmente já existem clones com pétalas erguidas e bem aramadas, mas a original não deixa de ser muito bonita. As flores são grandes (fig. 18).

Em matéria de *Cattleya lueddemanniana*, podia-se ver aqui e ali alguns exemplares floridos com exuberância. Como exemplo uma variedade *caerulea* de nome clonal 'Emília', com flores enormes! (fig. 19) Outra bonita que lá vi estava etiquetada como suave, mas para

mim é uma tipo de cor clara (fig. 20). É a variedade que vem da parte costeira da Venezuela, com flores maiores e mais claras. As do interior montanhoso, em Lara, possuem flores menores e mais escuras.

Em matéria de *Cattleya warneri* ainda tinham por lá algumas poucas floridas. A que mais chamou a minha atenção foi um self da *Cattleya warneri* amesiana 'Roberto Kautski', matriz conhecida, que para alguns é amesiana



Fig. 22 - *Cattleya lawrenceana caerulea* 'Aulisi' x self.



Fig. 23 - *Cattleya lawrenceana* alba.

como estava em fim de viagem, carro lotado, pouco dinheiro e decidido a comprar o mínimo, pois o orquidário está cheio, vacilei e acabei não comprando nenhuma *Cattleya lawrenceana*.

Aqui e ali pipocavam cachos de flores e um que gostei em particular foi o de uma *Cattleya skinneri* tipo, com pétalas grandes e redondas (fig. 24).

Em matéria de híbridos, os que mais me agradaram foram os híbridos feitos com *Laelia anceps*. Mostro abaixo alguns feitos entre *Laelia anceps* e *Cattleya intermedia*. O nome do cruzamento é *Lc. Interceps* (fig. 25) e o híbrido foi registrado por W. & J. Cannons em 1970. Eles variavam desde os simples até os flameados ou pelóricos, é claro dependendo da variedade da matriz de *Cattleya intermedia*.



Fig. 24 - *Cattleya skinneri* tipo.

Outro híbrido de *Laelia anceps* lindíssimo que lá vi foi o cruzamento entre *Laelia anceps* e *Lc. Gold Digger* 'Orglades Mandarin'. Eles variavam desde o

amarelo canário até o amarelo manteiga. As flores davam em cachos eretos, compactos e altos, ficando em evidência, pois se abriam bem acima das folhas (fig. 26-27).

Repolhões, que por sinal eu também gosto, vi poucos. O mais interessante foi um self de *Lc. Mildred Rives*. Estava etiquetado como sibling (cruzamento entre dois irmãos), mas como a *Lc. Mildred Rives* é um meristema, eu considero esse cruzamento um self, pois nesse caso os irmãos são a mesma planta. O clone utilizado provavelmente foi o 'Orchidglade' FCC/AOS, um monstro sagrado da orquidofilia mundial (fig. 28).

Após visitarmos todas as estufas fomos com um carro lá deixado por funcionários atenciosos, até a sede do sítio e estacionamos num pequeno pátio. A parte da frente do pátio estava cercada com uma espécie de alambrado e do outro lado dele havia alguns vasos com

e para outros é *caerulescens* (fig. 21).

Aqui no Rio, quando alguém dá uma bobeada e perde uma boa oportunidade, fala-se que a pessoa "comeu mosca" e foi o que eu fiz com as *Cattleya lawrenceana* que ali estavam à venda. Um self de *Cattleya lawrenceana* *caerulea* 'Aulisi' resultou em vários matizes de cores de flor, desde as tipo, passando pelas *caeruleas* e *caerulescens* até se chegar nas albas (fig. 22-23). Eu já possuo um exemplar da variedade *concolor* e também uma *caerulea*, por sinal a própria 'Aulisi' e



Fig.25 - *Lc. Intercepts* (*Laelia anceps* x *Cattleya intermedia*).



Fig. 26 - *Laelia anceps* x *Lc. Gold Digger* 'Orglades Mandarin'.



Fig. 27 - *Laelia anceps* x *Lc.* Gold Digger 'Orglades, Mandarin'



Fig.28 - *Lc.* Mildred Rives 'Orchidglade' FCC/AOS.

toceiras de raras *Sobralia* provenientes dos Andes. Feliz da vida, agarrada em um toco de peroba pendurado nesse alambrado, estava uma *Encyclia gallopavina* com dois grandes cachos cheios de botões. Ela se encontrava a pleno sol, mas como o ambiente é úmido e as regas e cuidados são sábios, a planta estava com os pseudobulbos gordos, grandes e saudáveis. A cor era avermelhada, bronzeada do sol, como se vê na natureza. Infelizmente, por poucos dias eu não a peguei florida.

Sentados confortavelmente à sombra, conversamos sobre o que vimos e sobre a *Laelia purpurata* ardósia *striata* 'Minha Gilda'. A aquisição de um exemplar do meristema dessa linda e rara "purpurata" foi um dos motivos da minha ida ao orquidário. Essa planta única foi popularizada pelo Geraldo através da clonagem e ainda existe um pequeno lote delas à venda no orquidário. As plantas que lá vi estavam grandes, com uma média de 5 a 6 pseudobulbos cada, muitas delas com espata floral e com sinais de florações anteriores. Segundo o Geraldo, a 'Minha Gilda' funciona como um relógio e floresce impreterivelmente durante os feriados de 15 de novembro. Aproveitei para perguntar à ele a história dessa purpurata e ele me mostrou um artigo sobre ela por ele escrito para uma revista de orquidofilia (Boletim da CAOB, nº 44, abril, maio e junho de 2001).

A história, exatamente como está narrada no artigo, é a seguinte: em novembro de 1996, ainda com poucos anos de orquidofilia, o Geraldo visitou uma exposição de orquídeas organizada pela Sociedade Orquidófila de Florianópolis, exposição esta sediada no Hotel Cabanas Praia Mole, em Florianópolis, onde também se hospedou. Lá permaneceu por uma semana, quando teve a oportunidade de conhecer dentre outros orquidófilos o Claudio Deschamps, o qual o presenteou com uma purpurata tipo que estava na exposição. Nasceu ali uma longa amizade, onde já naquela ocasião, em um encontro em seu orquidário em Florianópolis, o magnânimo Claudio o presenteou com várias divisões de suas matrizes. Já na saída da visita, o Geraldo recebeu do Claudio Deschamps um seedling de purpurata que segundo o Claudio era um de três restantes que ainda não haviam florido, parte de um lote onde todas haviam florido, mas que nada havia saído de bom. Disse: "quem sabe tens mais sorte". Em 1998 essa sorte de loteria veio e 4 lindas flores do que sabemos hoje ser a 'Minha Gilda' se abriram naquele único seedling em primeira floração. Gilda é o nome da ex-esposa do Geraldo. Os dois seedlings que permaneceram com o Claudio também floriram, mas não apresentaram nada de interessante. O artigo não menciona o cruzamento que originou essa purpurata e eu suponho que seja ou um cruzamento entre duas ardósias ou o self de uma delas. A primeira divisão disponível da 'Minha Gilda' foi dada ao Claudio Deschamps e em 1999 foi produzida em Taubaté uma cápsula de autofecundação dela, a qual acabou por germinar 500 seedlings. Nesse mesmo ano foi providenciada a clonagem da matriz. O artigo termina enfatizando a amizade entre orquidófilos como alavanca para o incentivo à dedicação à orquidofilia.

Era um sábado e chegou ao fim a minha estada em Taubaté. Segui para casa, não sem antes dar uma parada em Penedo, já no Estado do Rio de Janeiro, para passar no orquidário do Roberto Barretti, chamado "Orquídeas Penedo".

Links relacionados às pessoas que mencionei no texto:

Geraldo Patto: <http://www.odt.bio.br/>

Roberto Barretti: <http://orquideaspenedo.com.br/>